

O PLURISSIGNIFICATIVO TERMO FUNÇÃO

José Américo Bezerra Saraiva*

Resumo

Trabalho em que se faz um levantamento, não exaustivo, das acepções que o termo **função** tem conhecido em Lingüística, particularmente nas abordagens de cunho funcionalista, cujos princípios foram, inicialmente, formulados no fecundo período do Círculo Lingüístico de Praga (CLP) e, posteriormente, desenvolvidos por Martinet e Jakobson. Outras acepções, como as de Halliday e Hjelmslev, são igualmente mencionadas, a fim de destacar-se a polissemia do termo em textos de caráter lingüístico.

Abstract

This is a work in which we do a research, not exhaustive, about the notions that the term **function** has known in Linguistics, particularly in functional approaches, whose principles were, at first, formulated in the fertile period of the Prague Linguistics Circle (PLC) and, after, developed by Matinet and Jakobson. Other notions, like the ones of Halliday's and Hjelmslev's, are equally mentioned, in order to emphasize the polysemy of the term in linguistics texts.

Palavras-Chave: Sistema. Forma. Função. Funcionalismo. Funções da Linguagem.

1. INTRODUÇÃO

O termo função é notoriamente plurissignificativo. E essa plurissignificação redundante, muitas vezes, em ambigüidade ou opacidade semânticas. Para evitar a caoticidade conceitual, num texto que se pretende científico e que deve, portanto, primar pela clareza e objetividade de exposição, há que se explicitar o conceito do termo com o qual se opera.

Assim, convém situá-lo teoricamente, aludindo à corrente lingüística na qual o termo encontra sua conceituação. Sem isto, corre-se o risco de tornar o texto um cipal impene-

trável, particularmente para aqueles que estão dando os primeiros passos em matéria lingüística.

Este trabalho tem, pois, por escopo, ressaltar essa plurissignificação. Para tanto, relacionamos as acepções que o termo apresenta nas teses do Círculo Lingüístico de Praga e, em seguida, aludimos aos significados atribuídos ao termo por três eminentes lingüistas, a saber: Martinet, Halliday e Hjelmslev.

2. ACEPÇÕES DO TERMO NAS TESES DO CÍRCULO LINGÜÍSTICO DE PRAGA

De acordo com Fontaine (1978: 55), o aperfeiçoamento da noção de sistema e a adoção da de função constituem os dois pólos em torno dos quais se organizam as idéias do Círculo Lingüístico de Praga (CLP). A noção de sistema vem contrapor-se, no âmbito da ciência da linguagem, ao atomismo historicista praticado pelos comparativistas e encontra em Saussure sua formulação lingüística. O referido conceito se concatena naturalmente com o de função, se se quer contemplar os aspectos interacionais da linguagem e evitar a forma como fim em si mesma. Falemos, pois, detidamente de função, dada sua proeminência em relação à forma nas teorias funcionalistas.

A concepção de língua como sistema *funcional*, explicitada no bojo da primeira das nove teses do CLP, redigidas como contribuição aos debates do I Congresso de Filólogos Eslavos, realizado em Praga em outubro de 1929, reconhece na língua seu caráter de finalidade, na medida em que os meios por ela utilizados o são em vista de um fim, como sucede aos demais produtos da atividade humana (TOLEDO, 1978: 82). Tal concepção identifica, teleologicamente, a língua como instrumento de comunicação, uma estrutura-meio para fins determinados, consubstanciados na comunicação¹, sua *função* basilar e, secundariamente, na expressão. A língua é, desta forma, entendida como sistema de comunicação em que os elementos componentes mantêm

* Professor do Departamento de Letras Vernáculas da UFC e aluno do curso de Mestrado em Lingüística e Ensino da Língua Portuguesa.

¹ Cumpre lembrar aqui as restrições feitas por Ducrot (s/d: 9-10) no que tange à assunção de que a função fundamental da língua é a comunicativa. Para ele, o conceito de comunicação é bastante vago e, por conseguinte, está sujeito a receber orientações as mais diversas.

relações em rede, de tal modo que um elemento só é concebido no seio do sistema, isto é, em *função* do sistema ao qual pertence. Daí decorre um primeiro sentido para o termo *função*, a que vem ligar-se estreitamente os termos *funcional* e *funcionalismo* (MARTINET, 1976: 146).

Nas duas teses seguintes do manifesto do CLP, o termo *função* é empregado quer em acepção análoga à supra-mencionada, quer numa acepção algo generalizante. A segunda tese, intitulada ‘Tarefas do estudo de um sistema lingüístico, do sistema eslavo em particular’, salienta a importância da distinção entre o som como fato físico objetivo, como representação e como elemento do sistema *funcional*. Destarte, no que diz respeito ao estudo dos fenômenos acústico-motores, é tarefa do lingüista tanto caracterizar o sistema fonológico identificando as unidades que desempenham uma *função* significativa diferenciadora numa dada língua quanto descrever as possibilidades de combinação de tais unidades em estruturas maiores (TOLEDO, 1978: 85). Ainda na mesma segunda tese, apresentam-se algumas orientações, fundadas neste conceito de *função*, acerca das pesquisas sobre a palavra e o agrupamento das palavras e de uma teoria dos procedimentos sintagmáticos.

A terceira tese, intitulada ‘Problemas da pesquisa acerca da língua de diversas funções’, busca determinar as diferentes funções da língua, que em sua manifestação se caracteriza por certo grau de intelectualidade ou de afetividade, variando essas duas qualidades em proporções difíceis de mensurar-se. *Função*, neste momento, é tomada como variedade de emprego ou modo de realização. Segundo esta acepção, a linguagem pode ser intelectual ou emocional. A primeira destina-se às relações com outrem; a segunda pode servir para exteriorizar emoções ou para agir sobre outrem. Diferenciação ambígua, reconhecamos, porque exteriorizar emoções e agir sobre o outro pressupõe igualmente interação. Assim, do modo como está formulada, a noção de comunicação é muito abrangente, porque encampa as de expressão e conação.

Do ponto de vista da relação com a realidade extralingüística, ao lado da função de comunicação, reconhece-se a função poética, diferindo elas entre si pelo fato de esta ter o enunciado voltado para o significante e aquela, para o significado. Diferenciação ainda mal formulada, pois o exercício da função poética pressupõe esta noção por demais ampla, chamada comunicação.

Fontaine identifica ainda uma terceira acepção para o termo *função*, que, diz-nos, está muitas vezes insuficientemente explicitada nos escritos dos lingüistas de Praga. Além dos dois sentidos a que já aludimos, estreitamente relacionados, *função* como complemento da noção de sistema e *função* como atribuição finalística de um elemento no seio de um sistema, convém destacar que *função* ‘pode ser compreendida como uma contribuição de alguma forma exterior ao sistema, em todo caso visando o sistema em sua integralidade, o qual se vê assim atribuir uma vontade autônoma que evoca a reconhecida ao locutor que profere o enunciado’ (sic) (FONTAINE, 1978: 46-7).

3. ACEPÇÕES DO TERMO SEGUNDO MARTINET

Face ao exposto, já podemos perceber a polissemia do termo *função*, o qual, já nos trabalhos do CLP, carrega semanticamente valores outros que não simplesmente os de mera função de comunicação, vaga e amplamente definida. Em Martinet (1976: 143-49), no verbete ‘funções da linguagem’, desenvolve-se uma discussão bastante didática das acepções que o termo tem apresentado em lingüística.

Este lingüista raciocina acerca do termo *funções* da linguagem e reconhece nele o sentido corrente de ‘papel’, ‘atividade útil’. Estabelece, no entanto, outras distinções, nomeadas abreviadamente por *funções*₁, *funções*₂ e *funções*₃.

As *funções*₁, afirma Martinet, ‘não são apreendidas na linguagem mas atribuídas a esta, de algum modo, a partir do exterior: por exemplo, o lógico tradicional torna-as no instrumento do raciocínio; o estilista faz delas um material de criação estética; o cientista, um meio de nomenclatura’ (1976: 143). Tal significado, ensina-nos Martinet, caracteriza-se pela sua parcialidade porquanto não tem sido reconhecida a coexistência de várias funções da linguagem. A variedade de funções que, nesta acepção, são atribuíveis à linguagem, é arbitrária, por resultar de uma distorção dos fatos observáveis e por revelar preocupações referentes às relações entre língua e pensamento, numa perspectiva mais finalista que propriamente numa perspectiva resultante de um estudo sistemático das funções, em consonância com fatores norteadores. Neste caso, as funções constituem um *a priori* intimamente relacionado ao que se pretende que a linguagem manifeste.

A noção de *funções*₂ da linguagem surge a partir do estudo dos materiais lingüísticos e está estreitamente ligada ao desenvolvimento de métodos de observação e análise de línguas diversas. É também utilizada para referência aos diversos papéis desempenhados por uma língua e está fundamentada na concepção de língua como instrumento. Assim, as diferentes funções são estabelecidas *a posteriori*, a partir de observações dos empregos e do estudo interno da língua, em seu funcionamento real.

Em consonância com esta concepção, admite Martinet a coexistência hierarquizada de várias *funções*₂ da linguagem, com predominância da função de comunicação, entendida por ele como central por servir de suporte ao pensamento. Conforme vimos, é a esta acepção do termo que vem ligar-se o adjetivo *funcional* e o substantivo *funcionalismo*.

Partindo da noção de língua como instrumento de comunicação, estabelecem-se, no nível fônico, as funções distintiva, demarcativa e culminativa. A análise funcional utilizada para descrever o nível fônico passa a constituir um modelo para os outros níveis. ‘A noção de *função*₂ ganha aqui uma maior coerência, visto que oferece um critério válido, em todos os planos da língua, para destacar e classificar as unidades e para estabelecer, sobre a base indispensável desta crivação funcional, as estruturas lingüísticas’, diz-nos Martinet, ao que acrescenta: ‘é neste elo entre *função* e estrutura que reside a originalidade da noção de estrutura em

lingüística' (1976: 144). O método funcionalista, portanto, confirma a preponderância da função de comunicação, uma vez que é nela que ele se fundamenta.

Ao lado desta função de base, Martinet reconhece funções₂ secundárias que são caracterizadas como desvios, na medida em que constituem recusas de comunicação ou comunicação mais qualquer coisa.

Como funções₂ secundárias, o lingüista francês arrola a função de expressão e a estética. Define a primeira como 'não comunicação' (ainda que utilize a língua de comunicação), já que emissor e receptor correspondem a uma única pessoa, e, por isso, não há, por parte do emissor, preocupação com relação às reações do receptor, o que nos parece uma indefensável posição sobre monologismo, pois preponderância da expressão não implica necessariamente o expurgo da conação. A comunicação deixa de ser o fator preponderante na mensagem e cede lugar à exteriorização psíquica. A função estética, por sua vez, surge mais como **utilização** da língua com vistas a uma melhor comunicação do que como uma função autônoma isolável; faz uso do instrumento de comunicação e não parece susceptível de ser concebida sem intenção comunicativa (1976: 147). Ainda com esta acepção do termo é que Martinet fala nas funções particulares (expressiva, apelativa) ou modalidades mais ou menos involuntárias da comunicação².

Além das funções_{1 e 2} da linguagem, Martinet atribui ao termo uma terceira acepção que decorre do aperfeiçoamento da análise do ato semiológico global. Esta acepção encontra-se diretamente ligada aos fatores intervenientes no processo comunicativo, a saber: destinador, destinatário, mensagem, contexto, contato e código. A cada um destes seis fatores estão ligadas seis funções da linguagem, as quais necessariamente participam de toda e qualquer mensagem, com predominâncias variáveis. Neste sentido do termo (*funções₃*), numa dada mensagem a função central pode não ser a de comunicação, ao contrário do que ocorre com a acepção de *funções₂*, conforme deixa claro Martinet, em que as outras funções são sempre subsidiárias da função de comunicação³.

No verbete seguinte, 'funções gramaticais', Martinet (1976: 151-6) trata de outras quatro acepções do termo, sob as designações de *função₁*, *função₂*, *função₃* e *função₄*. *Função₂* toma o sentido de função de comunicação, tal como ocorre no verbete precedente, já mencionado. A esta acepção encontra-se estreitamente ligada a *função₃*, também já aludidas por nós, a função de informação, de cuja postulação depende o conceito de língua como instrumento de comunicação, como sistema lingüístico cujas unidades são identificadas por sua pertinência informativa, isto é, pela informação que veiculam. Como novidades, apresentam-se apenas a *função₁* que se caracteriza pelo sentido que apresenta na

tradição gramatical, ou seja, como papel que um segmento desempenha em relação ao todo do qual é parte (funções de sujeito, objeto direto, predicativo do sujeito etc), e a *função₄*, função no sentido hjelmsleviano, entendida como dependências ou relações que grandezas mantêm entre si, na medida em que umas pressupõem outras. Por ser de relativa complexidade, sobre a *função₄* prestaremos alguns esclarecimentos, que de forma alguma esgotam o assunto, mas servem para traçar as linhas gerais.

Inspirado em Saussure (s/d), para quem a língua é forma e não substância, Hjelmslev desenvolve um método de descrição lingüística denominado **glossemática** (do grego γλωσσα = língua). O nome, assim cunhado, representa o propósito de marcar a diferença entre este método de descrição, mediante o qual se tenta fundar a semiótica, como ciência geral dos signos, na qual se inscreve a lingüística, e as outras técnicas de descrição lingüística de inspiração estruturalista. Hjelmslev destaca o caráter imanente deste método de descrição, mostrando que um sistema, como a língua por exemplo, é passível de ser descrito sem que se faça menção a qualquer elemento externo a ele. No tocante a isto, Hjelmslev (1975: 114) assim se expressa:

É verdade que é a partir de uma base essencialmente sociológica e psicológica que é concebida a disciplina geral de que Saussure fala em seu Cours, embora ele esboce ao mesmo tempo algo que só pode ser compreendido como uma ciência da forma pura, uma concepção da linguagem como uma estrutura abstrata de transformações, que ele explica a partir de estruturas análogas ao reconhecer que certos traços essenciais da estrutura semiológica, e talvez todos os traços essenciais, se encontram nas estruturas que chamamos de jogos, como por exemplo o jogo de xadrez, ao qual ele dedica uma atenção toda especial. São estas considerações que devemos pôr em primeiro plano quando se quer tentar construir a lingüística no sentido mais amplo, a 'semiologia', a partir de uma base imanente.

Consoante este método abstrato de descrição lingüística estrutural, Hjelmslev (1975: 39-45) declara que o termo função tem uma acepção equidistante entre o sentido lógico-matemático e o sentido etimológico. A dependência que se estabelece entre uma classe e seus componentes, entre os componentes de uma classe são exemplos de funções.

São denominadas functivos as grandezas envolvidas numa relação funcional. Um functivo constante é aquele cuja presença é imprescindível para a presença do functivo com o qual tem função. Um functivo variável é aquele cuja presença já não é necessária para a presença do functivo com o qual mantém função. Baseado nas relações entre functivos cons-

² Ressalte-se que Martinet considera a importância de uma mais precisa distinção entre o que ele denomina função, uso ou utilização, modalidade e exploração da linguagem. Algumas das funções da linguagem consideradas secundárias não passariam, neste caso, de usos ou modalidades distintas; não seriam, por conseguinte, propriamente função.

³ É nesta acepção que Jakobson (s/d: 118-62) emprega o termo em torno do qual desenvolve sua teoria das funções da linguagem, fundada em contribuições da Teoria da Comunicação e da Antropologia Cultural.

tantes e variáveis, Hjelmslev preconiza três tipos de funções: a interdependência, que envolve duas constantes; a determinação, que se estabelece entre uma constante e uma variável; e a constelação, que envolve duas variáveis. Constituem exemplos de:

- interdependência: a relação que se estabelece entre os nomes e a categoria de número, um é pressuposto do outro e vice-versa;
- determinação: a relação que se funda entre a vogal, como base de sílaba, e a consoante; esta pressupõe aquela, mas aquela não pressupõe esta;
- constelação: a relação entre o morfe **-va**, marca de imperfeito do indicativo para verbos de primeira conjugação, e o morfe **-s**, marca de segunda pessoa do singular; não há pressuposição entre um e outro.

Hjelmslev refere-se ainda às funções ‘e...e’, ou conjunção, e ‘ou...ou’, ou disjunção, correspondentes, respectivamente, às relações sintagmáticas e paradigmáticas, empregadas mais amiúde. Sugere, em seguida, a denominação de correlação para o primeiro tipo e reserva o termo relação para designar o segundo tipo, tendo em vista que a distinção entre processo e sistema pode, de certa forma, ser expressa através destes termos. Outra função a que ainda alude é a função semiótica, situada entre as grandezas da expressão e do conteúdo (p. 53), na qual nos deteremos um pouco, dada sua importância para a noção de signo.

O lingüista dinamarquês postula dois planos para a língua: o plano da expressão e o plano do conteúdo, que, por sua vez, são subdivididos em substância e forma. Daí, tanto o plano da expressão quanto o plano do conteúdo apresentam uma forma e uma substância. Da função signica ou semiótica, relação que se estabelece entre a forma da expressão e a forma do conteúdo, resulta o signo lingüístico. À guisa de exemplo, podemos dizer que a substância da expressão [gata] se organiza na forma da expressão /'gata/ (fonemas da língua portuguesa) que mantém uma relação constante com a forma do conteúdo ‘gato + feminino’, formalizada a partir da substância do conteúdo ‘fêmea do gato’. Sendo definida como forma e não como substância, a língua constitui-se, pois, na relação que se estabelece entre a forma da expressão e a forma do conteúdo. Em termos esquemáticos, temos:

plano da expressão	{ substância → [gata]* { forma → /'gata/	} língua
plano do conteúdo	{ substância → ‘fêmea do gato’ { forma → ‘gato + feminino’	

Esta diversidade de funções não escapa ao conceito lógico-matemático, pois está em consonância com o princípio da imanência na descrição lingüística, defendido por

Hjelmslev, isto é, não se faz qualquer referência a elementos extralingüísticos. As grandezas descritas são internas ao sistema, e as diversas funções que descreve estabelecem-se entre tais grandezas.

3. ACEPÇÕES DO TERMO NO FUNCIONALISMO DE HALLIDAY

Esta artigo resultaria incompleto sem que fizéssemos referência a Halliday (1986 e 1973), pela persistência e coerência com que tem desenvolvido sua gramática, cujos delineamentos ultrapassam o programático, desdobrando gramaticalmente os princípios do funcionalismo. Parte, no entanto, de uma perspectiva algo diferente. Preconiza que a *função* constitui o princípio organizador do sistema lingüístico, mas, ao contrário de Martinet, não reconhece qualquer organização hierárquica entre as funções da linguagem que postula. Para Halliday, ‘o sistema lingüístico é funcional tanto em origem como em orientação’ (1986: 66), ou seja, é a partir da necessidade de interação social que a criança começa a elaborar uma língua particular, diferente da do adulto, para atender a certas funções iniciais (instrumental, reguladora, interativa, personal, heurística, imaginativa e informativa). Após este estágio, a criança abandona seu projeto de construção de uma língua particular para assumir como sua a língua do adulto, uma estrutura já elaborada, em que aquelas funções iniciais encontram-se formalizadas em três metafunções básicas: a ideacional, a interpessoal e a textual (às quais nos reportaremos na secção subsequente) não havendo, conforme frisamos, qualquer relação de predominância entre estas. Desta forma, podemos ver que *função* apresenta-se, em Halliday, como o princípio organizador de um sistema de comunicação, que nos primeiros meses de vida da criança constitui um sistema rudimentar e na língua adulta, um sistema mais complexo, edificado consoante as metafunções supracitadas. Noutras palavras, a língua constitui um instrumento de interação social, uma resultante das intenções do indivíduo que a utiliza e a elabora no ato de sua utilização. A linguagem, por sua vez, é um ‘potencial de significado’, ou seja, ela é representada por aquilo que ‘o falante pode dizer’, isto é, o sistema lexico-gramatical em geral que opera como realização do sistema semântico, sistema este fundado na noção de *função*, tal como a entende Halliday.

Ao lado desta acepção de caráter geral, Halliday emprega o termo função num sentido mais específico, o de função gramatical, para referir-se aos elementos da estrutura lingüística, conforme podemos ver no excerto seguinte:

O termo FUNÇÃO é usado, em dois sentidos distintos mas relacionados entre si, em dois momentos diferentes na descrição da língua. Em primeiro lugar, é usado no sentido de ‘função gramatical’ (ou ‘sintática’), para referir os elementos da estrutura lingüística, tais como ator e meta ou sujeito e objeto ou tema e rema. Estas ‘funções’ são os papéis ocupados pelas classes de palavras, sintagmas e coisas

do gênero na estrutura de unidades maiores. Em segundo lugar, é usado para referir as funções da linguagem como um todo: por exemplo, no célebre trabalho de Karl Bühler no qual ele propôs a divisão triádica das funções da linguagem em representacional, conativa e expressiva⁴.

CONCLUSÃO

Como se vê, o termo função é multissignificativo e assume matizes distintos, decorrentes dos muitos empregos que tem conhecido em lingüística, não somente no funcionalismo. O retomar alguns textos que trataram do assunto vem, portanto, atender a nosso propósito de ressaltar essa plurissignificação, detectável não apenas nas diversas correntes mas também dentro de uma mesma orientação lingüística, e, quiçá, em textos de um mesmo autor.

É óbvio que algumas das acepções aludidas no presente artigo guardam estreita relação entre si; pressupõem-se, na verdade, mutuamente. Apenas a noção de *função*, de que nos fala Martinet no verbete funções da linguagem, já mencionado por nós, é que destoa das outras a olhos vistos, uma vez que ela carece de parâmetros condutores.

Fica, então, patente, dada a polissemia do termo função, a necessidade de explicitar-se o conceito com o qual se vai trabalhar, se se quiser evitar equívocos. Caso seja imprescindível utilizar o termo em mais de uma acepção e o contexto não forneça evidências que permitam inferi-las, con-

vém mencionar o significado por ele carregado, pois, como sabemos, tal atitude deve, via de regra, nortear quem objetiva um texto claro e isento de ambigüidades conceituais.

BIBLIOGRAFIA

- DUCROT, Oswald (s/d). *Princípios de semântica lingüística*. São Paulo, Cultrix.
- FONTAINE, Jacqueline (1978). *O Círculo Lingüístico de Praga*. São Paulo, Cultrix/Ed. da Universidade de São Paulo.
- HJELMSLEV, Louis (1975). *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo, Perspectiva.
- JAKOBSON, Roman. (s/d). *Lingüística e comunicação*. São Paulo, Cultrix.
- MARTINET, André (s/d). *Conceitos fundamentais em lingüística*. Lisboa, Presença.
- HALLIDAY, M. A. K. (1982). *El lenguaje como semiótica social - la interpretación social del lenguaje y del significado*. México, Fondo de Cultura Económica.
- _____(1973). *Explorations in the functions of language*. London, Edward Arnold.
- SAUSSURE, Ferdinand de (s/d). *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo, Cultrix.
- TOLEDO, Dionísio (1978). *Círculo Lingüístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre, Globo.

* Tal transcrição fonética peca, obviamente, por muito se assemelhar à transcrição fonológica. Todavia, assim tivemos que proceder em virtude de o computador utilizado não dispor da fonte do Alfabeto Fonético Internacional.

⁴ 'The term FUNCTION is used, in two distinct though related senses, at two very different points in the description of language. First, it is used in the sense of 'grammatical (or 'syntactic') function', to refer to elements of linguistic structures such as actor and goal or subject and object or theme and rheme. These 'functions' are the roles occupied by classes of words, phrases and the like in the structure of higher units. Secondly, it is used to refer to the 'functions' of language as a whole: for example in the well-known work of Karl Bühler in which he proposed a three-way division of language function into the representational, the conative and the expressive' (Halliday, 1973: 104).